

## A noite da cidade sob o olhar de Robert Park e seus discípulos na Escola de Chicago e influências para o jornalismo contemporâneo.

João Noé Alves de Carvalho<sup>1</sup>

### Resumo:

O presente artigo busca mostrar como as pesquisas de Robert Ezra Park e de seus discípulos na chamada Escola de Sociologia de Chicago desvendaram aspectos de culturas que só se manifestavam durante o período noturno. O objetivo é compreender como a Escola de Chicago deixou legados para o jornalismo, em especial com o uso da etnografia como ferramenta de pesquisa. Partindo desse pressuposto, haverá a análise de textos do jornalismo brasileiro que revelam aspectos da noite urbana e contêm, de uma forma ou de outra, elementos típicos da Escola de Chicago.

**Palavras-chave:** Etnografia, Escola de Chicago, Jornalismo Etnográfico.

### Abstract:

This article tries to show how the research of Robert Ezra Park and his disciples in the so-called Chicago School of Sociology unraveled aspects of cultures that manifested themselves only during the nighttime. The objective is to comprehend how the Chicago School left legacies for journalism, especially with the use of ethnography as a research tool. Based on this assumption, there will be an analysis of Brazilian journalism texts that reveal aspects of the urban night and contain, in one way or another, typical elements of the Chicago School.

**Key-words:** Ethnography, Chicago School, Ethnographic Journalism.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra, em Portugal. Mestre em Comunicação Política (Master in Arts) pela Goldsmiths, University of London. Formado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail para contato: joaoncarvalho@gmail.com

## Introdução

A noite parece despertar no espírito humano uma propensão a comportamentos pouco aceitáveis. Em 1930, Virginia Woolf escrevia que, após a despedida do sol, “nós não somos bem nós mesmos”, pois essa hora do dia traz “a irresponsabilidade que a escuridão e as luzes das lâmpadas nos concedem” (WOOLF, 2009 [1930]: 21)<sup>2</sup>. Não à toa, caminhar à noite foi um crime por muito tempo, como ressalta o historiador Matthew Beaumont. O autor ainda lembra que as paisagens noturnas são perfeitas para encontrar boêmios, mas também moradores de rua e todos aqueles cujos comportamentos podem ser considerados desviantes (BEAUMONT, 2015: 11).

Com todas essas características, a noite pode ser ideal para o trabalho de campo tanto de sociólogos como de jornalistas, por exemplo. Na área da sociologia, a chamada Escola de Chicago foi pioneira na busca da compreensão dos hábitos e culturas de pessoas marginalizadas, muitas delas encontradas apenas nas noites urbanas. Um pesquisador fundamental para esse tipo de abordagem foi o ex-jornalista Robert Ezra Park, que estimulava alunos a irem às ruas para estudar culturas pouco exploradas pela sociologia. Os métodos de Park, nomeadamente a observação participante, acabaram por influenciar a sociologia e o próprio jornalismo.

Este artigo, portanto, vai buscar entender como Robert Park e seus discípulos na Escola de Chicago exploraram a noite de grandes cidades, oferecendo uma perspectiva pouco vista da vida urbana. O objetivo é compreender como as técnicas popularizadas por Robert Park e os sociólogos de Chicago podem servir para o jornalismo atual. A partir de exemplos da sociologia e do jornalismo, a intenção é mostrar que ambas as disciplinas possuem a capacidade para revelar histórias muitas vezes ignoradas pela mídia tradicional, principalmente aquelas protagonizadas por pessoas encontradas apenas quando a escuridão toma conta do céu.

## Robert Park antes de Chicago

Para uma análise da Escola de Chicago, é preciso entender um pouco mais sobre a trajetória de Robert Park antes de se tornar professor. Um fato importante a respeito da história desse sociólogo é que ele foi jornalista por onze anos, em cidades como Detroit,

---

<sup>2</sup> O autor fez uma tradução livre do material em língua estrangeira que citou no artigo. Quando isso não ocorreu, deixou o título do texto em português na bibliografia.

Nova Iorque, Denver e Chicago. Naquela época, Park era um *muckraker*, uma espécie de jornalista investigativo, e chegou a fazer reportagens sobre casas de apostas clandestinas e venda de ópio, por exemplo. Esses temas, aliás, mostravam desde já um certo interesse de Park pelo chamado “submundo” das cidades.

Como jornalista, Park observava o cotidiano do que poderia ser considerado o ser humano “comum”. Suas reportagens tentavam mostrar as “cores” da cidade mais com o relato de rotinas do que por meio de episódios únicos e extraordinários (SHILS, 1996: 88). A imersão nas realidades sobre as quais escrevia era um traço marcante de Park. Ele chegou a provar drogas durante o trabalho disfarçado em sombrias esquinas de Minneapolis:

“Eu tive sorte para encontrar o ponto de venda de ópio e cheguei a fumar um pouco da droga. O local estava cheio de pessoas da ralé da cidade e elas estavam falando abertamente sobre a casa de apostas, onde eu queria entrar. Uma delas, sem saber quem eu era, concordou em me levar até a casa (...) Assustado? Você pode responder! Mas eu consegui a história” (PARK, em TAUB, 1934, citado por LINDNER, 1996 [1990]: 39).

Após o jornalismo, Park foi estudar em Harvard, justamente com o intuito de melhor entender “a natureza e a função de um tipo de conhecimento que chamamos notícia” (PARK, em MACHADO, 2005: 24). Em seguida, fez doutorado na Alemanha, onde cursou a única cadeira de sociologia que teve em toda a vida, com Georg Simmel. De volta aos Estados Unidos, chegou a dar aulas em Harvard e, depois, foi trabalhar em um movimento contra a exploração dos negros no Congo. Com essa experiência, diz que aprendeu “mais sobre a natureza humana e o funcionamento da sociedade do que em todos os estudos prévios que fizera na universidade” (Ibid).

Antes de dar aulas em Chicago, Park também tentou criar um jornal, o *Thought News* (*Notícias Pensadas*). A ideia da publicação era deixar claro para o público “as maneiras pelas quais leis sociais produzem o que é convencionalmente chamado de ‘problemas’” (SUBTIL e GARCIA, 2010: 228). Nesse jornal, o objetivo era tratar de questões aparentemente díspares, como ciência, religião e educação, de uma forma coordenada. Em última instância, o *Thought News* pretendia tratar do significado das relações entre os fatos, criando, assim, uma base de conhecimento para ações sociais transformadoras (SUBTIL e GARCIA, 2010: 229). Os idealizadores do jornal, porém, jamais conseguiriam colocar o projeto em prática.

### Park e as “regiões morais” da cidade

Foi em 1914, aos 50 anos de idade, que Robert Park começou a trabalhar como professor na Universidade de Chicago. Na época, os Estados Unidos passavam por numerosas transformações, com um grande fluxo de pessoas em direção às áreas urbanas. Não surpreende, portanto, que um dos primeiros textos de Park em Chicago - e um dos mais clássicos da sua carreira - seja sobre a cidade. Na opinião de Park, o mundo estava a viver nas cidades ou a caminho delas: “então, se estudarmos as cidades, poderemos compreender o que se passa no mundo” (PARK, em BECKER, 1996 [1990]: 180). O artigo *The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment* (1915) continha alguns dos mais importantes conceitos de Robert Park.

Um dos primeiros aspectos a se notar nesse texto é a clara influência da sociologia alemã, nomeadamente de Georg Simmel. Em *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*, publicado em 1903, Simmel discute algumas das características da vida urbana, como a busca maior dos habitantes pela liberdade individual em relação a uma certa “vigilância” nas pequenas cidades (2005 [1903]: 584-585). O sociólogo alemão afirma que “a função das grandes cidades é fornecer o lugar para o conflito e para as tentativas de unificação” entre dois movimentos pela liberdade (SIMMEL, 2005 [1903]: 589). O primeiro é pela liberdade do indivíduo em relação a amarras sociais como a religião, em uma procura por igualdade entre os seres humanos característica do século XVIII. Já o segundo movimento nasce no século XIX, com a ideia do Romantismo de que, livres de constringências históricas, os indivíduos “querem então se distinguir uns dos outros” (Ibid). Para Simmel, mais do que julgar tais movimentos, era preciso entendê-los (2005 [1903]: 591).

Esse é um esforço presente no texto de 1915 de Park, que classifica a cidade não como um simples agrupamento de pessoas, mas como uma “instituição” ou um “mecanismo psicofísico” onde não é possível separar estruturas urbanas de comportamentos, ideias e atitudes dos seres humanos. Na opinião de Park, apesar de construírem a cidade, os humanos tendem a se equivocar e enxergá-la como um organismo externo, sobre o qual não têm poderes (PARK, 1915: 577-578).

O sociólogo entendia a cidade como um “mosaico de pequenos mundos”, onde diferentes espaços abrigam diferentes hábitos. Para Robert Park, é possível dividir a cidade em diferentes “regiões morais”, cada qual com as suas peculiaridades. Isso não significa que essas diferentes regiões não tenham contatos umas com as outras. Park, inclusive, designa como “homem marginal” a pessoa que frequenta essas diferentes regiões com facilidade, sem aderir a qualquer uma delas em especial. Na opinião do sociólogo estadunidense, aliás, essa mobilidade se torna ainda mais intensa com o desenvolvimento das comunicações e dos transportes (PARK, 1915).

Se tomarmos essa ideia como base, é possível inferir que as características desses “pequenos mundos” de uma cidade variam não apenas de acordo com o espaço, mas também conforme o tempo. Um determinado local pode ser frequentado por diferentes pessoas pela manhã e à noite, transformando-se, assim, de acordo com as interações que comporta nos distintos momentos do dia. Por outro lado, em um estudo sobre a boemia *queer* de Teresina, no Piauí, o antropólogo estadunidense Timothy Eugene Murphy oferece uma definição de “boemia noturna” que supera dimensões de tempo e espaço:

“Espacial e temporalmente fragmentada, ocorrendo apenas à noite e mudando de locações e ambientes, a boemia noturna é onde a ‘galera’ se manifesta momentaneamente como um todo integrado. Portanto, mais do que estabelecer uma boemia que é fixada em uma área específica da cidade, a ‘galera boêmia’ se junta à noite em vários e, às vezes, desconhecidos locais (...) Apesar de a noite marcar um momento especial para o florescimento do espírito boêmio (...), [O]s boêmios (...) frequentam estabelecimentos específicos dia e noite” (MURPHY, 2019: 75-80).

As ideias de Murphy talvez sirvam como uma extensão do pensamento de Park. Murphy designa como “boemia noturna” movimentos de indivíduos que podem formar regiões morais fluidas no tempo e no espaço. Na opinião do sociólogo de Chicago, que viveu em um tempo onde os deslocamentos eram mais difíceis, em cada uma das “regiões morais” da cidade vivem indivíduos ou grupos de indivíduos merecedores de atenção. Entre eles estão professores, corretores de ações e, também, boêmios e jornalistas (PARK, 1915: 607).

### **Escritos de Park sobre a imprensa**

Um dos componentes da lógica urbana, o jornalismo ganhou especial atenção nos textos de Park. Em *A História Natural do Jornal*, de 1923, o sociólogo sustenta que

a imprensa é o resultado de um processo do qual muitos indivíduos participam sem saber qual vai ser o resultado. Park conclui que o jornal “sobreviveu sob as condições da vida moderna”, crescendo não como um produto totalmente racional e controlado, mas “a mudar de maneira própria e incalculável”. A história natural da imprensa, portanto, é a história dos jornais que sobreviveram por meio da circulação (PARK, 2008 [1923]: 33). Um dos fatores que contribuíram para aumentar a circulação dos jornais foi a adoção de uma linguagem mais acessível ao público. Park afirma que, ao usarem uma linguagem simples, os editores descobriram que a diferença entre os intelectuais e os incultos é praticamente restrita ao vocabulário (PARK, 2008 [1923]: 34-35).

Quando faz essas afirmações, Robert Park percebe a imprensa como uma parte do complexo mecanismo das cidades, inseparável dos seus aspectos econômicos, por exemplo. Elias Machado observa que Park lamentava a influência da publicidade no conteúdo jornalístico, mas sem fazer julgamentos. O sociólogo de Chicago enxergava essa relação como um sintoma de transformações amplas, que acabaram por criar uma dependência do jornalismo em relação aos anunciantes (MACHADO, 2005: 30). Não seria exagero inferir que, ao explicitar o vínculo da imprensa com a economia, Park desconstruía o mito da objetividade e distanciamento do jornalismo antes mesmo da sua difusão.

Reflexões sobre o jornalismo também estão presentes em *Notícia e Poder da Imprensa*. Publicado em 1941, durante a Segunda Guerra, o artigo sustenta que o poder da imprensa está na capacidade de influenciar a opinião pública e mobilizar a comunidade para ações políticas (PARK, 2008 [1941]: 71). Na opinião do sociólogo, é justamente nos tempos de crise que o poder da imprensa se sobressai. Park afirma que jornalistas com a capacidade de “interpretar eventos à luz das grandes questões envolvidas” podem ter maior influência (PARK, 2008 [1941]: 76).

### **Discípulos de Park e a noite nas cidades**

A relevância de Robert Park para o jornalismo, no entanto, vai além de reflexões sobre a imprensa. Na opinião de Wayne Lutters e Mark S. Ackerman, a atuação de Park como professor merece mais destaque do que seus textos. A experiência dele como jornalista foi importante para que estimulasse alunos a irem às ruas em busca de informações em primeira mão para pesquisas. Lutters e Ackerman afirmam que os

sociólogos formados por Park tinham uma preocupação com métodos qualitativos e a rica descrição contextualizada de comportamentos (1996:11). Gene Burd lembra que Park estimulava os alunos a não ficarem apenas nas bibliotecas e irem a hotéis baratos sujarem as calças em busca de dados (1983: 02-03). Já John T. Carey revela que Park encorajava os estudantes a agirem como jornalistas investigativos, descobrindo os segredos da cidade, andando pela pelas ruas, conversando com as pessoas e registrando as observações (citado em BURD, 1983: 03). Park dizia: “contentai-vos em retranscrever o que virem, o que ouvem e o que sabem, como um jornalista” (citado por ANDERSON, em VALLADARES, 2010: 43). Não é difícil notar, portanto, o esforço de diversos sociólogos da Universidade de Chicago para obter dados nas ruas, fora do ambiente acadêmico tradicional. Nesse sentido, as pessoas que povoam as noites das cidades são capazes de oferecer valiosas descobertas tanto para o jornalismo como para a academia.

Entre os sociólogos de Chicago que investigaram aspectos da vida urbana visíveis somente depois do crepúsculo está Nels Anderson. Ele publicou, em 1923, um estudo sobre os “*hobos*”, desempregados que migravam pelo país em busca da sobrevivência. Sem dinheiro para realizar a pesquisa, Anderson viveu e trabalhou em uma favela de Chicago, onde poderia observar de perto o cotidiano dos pesquisados (ANDERSON, 1983: 403-404).

Durante a investigação de campo, Anderson entrou em contato com pessoas que viviam segregadas, sem casa e sem esperança. Esses *hobos*, na maioria homens, se concentravam em uma área cultural isolada na cidade, batizada como “Hobohemia”. Lá, havia estabelecimentos como hotéis baratos, agências de empregos e missões religiosas, todos perfeitos para suprir as necessidades físicas e espirituais dos *hobos*. A região ainda atraía ladrões de carteira, apostadores, vendedores de drogas e de bebidas alcoólicas (na época proibidas nos Estados Unidos) (ANDERSON, 1923: 14-15).

A “Hobohemia” tinha suas personagens e características próprias durante o período noturno. Um dos grandes desafios para os *hobos* era encontrar um lugar onde pudessem dormir, principalmente no inverno. Isso acabava por transformar a noite da “Hobohemia” em uma maratona para alguns: “[N]ão é incomum, para homens que não acham um local quente para dormir, andar pelas ruas durante toda a noite” (ANDERSON, 1923:53). No período de convivência com os *hobos*, o pesquisador

chegou a conhecer um termo para designar caminhadas noturnas interrompidas por pequenos cochilos: “carregar o *banner*” (*carrying the banner*) (Ibid).

Outro pesquisador da Escola de Chicago que explorou a vida noturna da cidade foi Paul Goalby Cressey, no livro *The Taxi-Dance Hall: A Sociological Study in Commercialized Recreation and City Life*, publicado em 1932. A obra era o resultado de sete anos de estudos de Goalby Cressey em casas noturnas de áreas pobres de Chicago, onde homens pagavam para dançar com mulheres. Goalby Cressey conviveu com os frequentadores e funcionários dessas casas tempo suficiente para conhecê-los a fundo. Kathryn B. Campbell observa que muitos consideravam os *taxi-dance halls* como um ambiente propício para a prostituição e o uso de drogas. A investigação de Goalby Cressey mostrou que essas casas eram “não apenas um microcosmo da própria cidade; mas um produto da cidade” (CAMPBELL, 2004: 280).

A pesquisa do sociólogo revela um mundo que, mesmo diante dos olhos de todos, ninguém vê. A maioria dos frequentadores dos *taxi-dance halls* era formada por pessoas humildes, entre elas imigrantes chineses, europeus, mexicanos e filipinos. Lá, esses homens procuravam a companhia de “dançarinas-taxi” (*taxi-dancers*). O nome explica-se: as mulheres dançavam com qualquer pessoa e cobravam de acordo com o tempo que bailavam, tal como faz um taxista (GOALBY CRESSEY, 2008 [1932]: 03-14).

Dentro desses clubes - identificados na fachada exterior apenas como escolas de dança -, havia um universo particular, quase sem diálogos, mesmo nos momentos de silêncio da orquestra. Ao frequentar essas casas, Goalby Cressey percebeu que as dançarinas tinham uma vida difícil. Elas deviam ter uma força física para suportar sequências intermináveis de danças com os clientes. Ao fim do baile, ainda poderiam sair para “encontros” (GOALBY CRESSEY, 2008 [1932]: 14). O autor afirma que “é um mundo mercenário e silencioso, esse mundo do *taxi-dance hall*. A sociedade feminina está à venda, e a um preço baixo” (GOALBY CRESSEY, 2008 [1932]: 11).

Anos mais tarde, Howard S. Becker, considerado um dos integrantes da “Segunda Escola de Chicago”, também explorou personagens até então pouco convencionais em pesquisas sociológicas. Ele investigou, por exemplo, o comportamento de usuários de maconha, com quem conviveu para realizar entrevistas (BECKER, 1953). Também protagonizaram os estudos de Becker músicos que ganhavam a vida em casas noturnas. O sociólogo fez a pesquisa enquanto tocou em



bandas que se apresentavam nesses estabelecimentos. Para isso, quase não fez entrevistas formais. Colhia as informações mais por meio de conversas com os artistas, que na maior parte das vezes não sabiam da pesquisa. A posição privilegiada permitiu-lhe conhecer algumas das características desses músicos, como a tendência a menosprezar os valores de quem não faz parte do mesmo meio (BECKER, 2009 [1963]: 92-93).

Esses exemplos mostram que a noite era um período adequado para as investigações dos sociólogos de Chicago. A escuridão parece servir como um salvo-conduto para habitantes de mundos pouco convencionais, onde há liberdade maior para comportamentos, de alguma forma, subversivos.

### **Características da Escola de Chicago**

Os estudos de Chicago não se restringiam a personagens noturnas. Park e seus discípulos tinham algumas preocupações que transformavam a Escola de Chicago em um grupo mais ou menos coeso. Lutters e Ackerman, por exemplo, afirmam que eles tinham uma forma altamente qualitativa de pensar as relações sociais e ainda se destacavam pelo rigor na análise de dados e o foco na cidade como um “laboratório social” (1996:02). A cidade era onde os pesquisadores poderiam observar o ser humano em seu *habitat* natural, numa espécie de “ecologia urbana”, onde “terra, cultura e população” faziam parte de um “todo inseparável”, semelhante a um ecossistema (LUTTERS e ACKERMAN, 1996: 04).

Para entender esse “ecossistema”, Park e seus discípulos tinham como característica marcante o uso da etnografia e, em especial, da observação participante. Em poucas palavras, a etnografia é um tipo de estudo em que o pesquisador tenta registrar detalhes das atividades e costumes de determinados grupos sociais por meio do trabalho de campo. Dessa forma, o etnógrafo faz o que pode se chamar uma “descrição densa” (*thick description*) de determinado grupo, interpretando o significado de rotinas (GANS, 2010: 98; GEERTZ, em SPENCER, 2001: 445). Já observação participante, muitas vezes usada como sinônimo de etnografia, é o estudo em que o pesquisador vai a campo para observar os sujeitos de pesquisa enquanto participa de suas atividades (FRIEDLAND e CAMPBELL, 2009: 63-64).

Esses métodos permitiam aos pesquisadores de Chicago a compreensão das “diferentes camadas e interconexões que constituíam as complexidades da vida social” (APTER, em JAYNES et al., 2009: 377). Jim Thomas, por exemplo, nota que a sociologia de Chicago baseia-se na ideia de que, para obter conhecimento, é preciso fazer uma observação direta, em uma tentativa de mostrar o ponto de vista do sujeito pesquisado (1983: 481). Lewis A. Friedland e Kathryn B. Campbell ressaltam que os ‘chicaguenses’ tentavam entender como diferentes comunidades e grupos sociais se relacionavam na dinâmica urbana (2009: 63).

Tais características, por outro lado, acabaram por ser o motivo de algumas das principais críticas aos trabalhos da Escola de Chicago. Lutters e Ackerman afirmam que o uso de métodos qualitativos como a etnografia trouxe uma profundidade às pesquisas, mas acabou por reduzir o uso de métodos quantitativos. Já em relação a Robert Park, uma das principais ressalvas é que ele levantou questões importantes sobre a vida nas cidades, mas fez pouco esforço para respondê-las (LUTTERS e ACKERMAN, 1996).

Edward Shils, inclusive, afirma que, interessado por assuntos como etnias, Park teve a importância de descobrir uma tendência de negros se identificarem tomando como referência a cor da pele, mas nunca procurou descobrir os motivos para isso (SHILS, 1996: 96). Também é possível dizer que algumas teorias de Park eram aplicáveis apenas a Chicago e, talvez, outras cidades dos Estados Unidos. Em centros urbanos da América do Sul, por exemplo, não há uma organização das etnias de acordo com o espaço, como em Chicago (BECKER, 1996 [1990]: 182). Não surpreende, portanto, que Park tenha se impressionado ao visitar nos anos 30 a Bahia, caracterizada pela miscigenação (VALLADARES, 2010: 42). É claro, as ideias de Park sobre as cidades podem servir não apenas para falar sobre diferentes etnias, mas diferentes culturas.

### **Escola de Chicago e legados para o jornalismo**

Embora haja pertinência nas críticas ao trabalho de Robert Park, é preciso relativizá-las. Becker, por exemplo, ressalta que, se por um lado Park não respondeu a algumas de suas questões no texto sobre a cidade, por outro, muitas delas acabaram por servir de base para subáreas da sociologia (1996 [1990]: 180). Da mesma forma, Filipa Subtil e José Luís Garcia defendem a importância dos textos de Park sobre a imprensa.

Os autores afirmam que ele pode ser considerado “o primeiro sociólogo de comunicação e mídia” (SUBTIL e GARCIA, 2010: 233). Uma das preocupações de Park, por exemplo, era a forma como o jornalismo se transformava em uma ferramenta usada “mais para criar emoções do que para educar” (SUBTIL e GARCIA, 2010: 232-233).

Nesse sentido, até mesmo o conceito de “homem marginal” pode servir para descrever o trabalho de um jornalista. Isabel Travancas argumenta que “o jornalista é, antes de tudo, um habitante da cidade”. E que o universo urbano desse profissional é um “espaço da diversidade, do cruzamento de mundos e ‘tribos’ diferentes”. Cabe ao jornalista, então, atravessar fronteiras, utilizando uma espécie de prerrogativa profissional que lhe “dá acesso livre a quase todos os lugares, dos meios oficiais aos marginais e perigosos”, com o objetivo de oferecer aos leitores um relato sobre espaços desconhecidos ou inexplorados (TRAVANCAS, 2002:03). É possível sustentar assim que, pelo menos em teoria, jornalistas são homens e mulheres “marginais”, acostumados a visitar diversos mundos sem fazer parte de qualquer um deles em especial. Entre esses mundos está o noturno.

O fato é que não só Park, mas também a Escola de Chicago como um todo, merecem reconhecimento por contribuições para o jornalismo. Friedland e Campbell destacam que, apesar de darem prioridades a métodos qualitativos, os sociólogos de Chicago não abriam mão de estatísticas (2009: 63). Essa abordagem “holística”, com a combinação de métodos e a interdisciplinaridade, é talvez um dos legados para inspirar jornalistas dos dias atuais no processo de descoberta (FRIEDLAND e CAMPBELL, 2009: 71). Howard S. Becker conta que o departamento de sociologia de Chicago, inclusive, publicava um livro com estatísticas sobre diversas regiões da cidade, o *Local Community Fact Book*, algo que outras universidades não faziam. A publicação tinha dados relevantes como números sobre saneamento básico e criminalidade, por exemplo (BECKER, 1996 [1990]: 187):

“Uma das características do pensamento de Park – e isso se aplica à Escola de Chicago como um todo – era não ser puramente qualitativo ou quantitativo. Park era muito eclético em termos de método. Se achasse que era possível mensurar alguma coisa, ótimo, se não o fosse, ótimo também. Havia ainda outras maneiras de fazer essas pesquisas” (BECKER, 1996 [1990]: 182).

Há certo exagero na crítica ao excesso de uso de métodos qualitativos pelos sociólogos de Chicago. Apesar disso, é inegável que a observação participante foi um

traço marcante desses intelectuais. O uso dessa metodologia de pesquisa, inclusive, pode servir de inspiração para o jornalismo dos dias de hoje. Da mesma forma que os sociólogos de Chicago conviveram com músicos, moradores de rua e frequentadores de clubes de danças, jornalistas podem ampliar os contatos com fontes cujas “vozes” pouco se “ouvem”. Esse tipo de abordagem nem seria, exatamente, uma novidade. Os exemplos de Nellie Bly, que no fim do século XIX escreveu sobre sua internação por dez dias em um manicômio (BLY, 2014 [1887]), e de Hunter S. Thompson, ao conviver por um ano com a gangue de motoqueiros dos *Hell's Angels* nos anos 60 (THOMPSON, 1999 [1966]), são provas disso.

Todavia, é fundamental ressaltar: o uso da observação participante é somente um dos legados de Park e da Escola de Chicago. Além da já mencionada combinação de métodos, Friedland e Campbell enumeram três características de Chicago que podem servir de inspiração para o jornalismo. Uma delas é a procura constante de abordagens criativas no trabalho de investigação. Os autores ainda listam a preocupação da Universidade de Chicago em fazer pesquisas não apenas para estudar a sociedade, mas também mudá-la. Por último, está a busca por uma linguagem simplificada e acessível aos leitores, inclusive com a exploração de recursos gráficos (2009: 74-76). Nos dias de hoje, há exemplos de práticas e teorias jornalísticas que, de alguma forma, guardam relação com os legados da Escola de Chicago enumerados por Friedland e Campbell.

O chamado jornalismo lento, por exemplo, tenta reagir ao cotidiano frenético das redações tradicionais, onde se produzem a cada minuto notícias quase padronizadas e sem profundidade. Entre as características do jornalismo lento estão a tentativa de contar histórias que não são vistas no jornalismo tradicional, cuidado com a narrativa, utilização de métodos de apuração característicos das ciências sociais e um tempo maior para a elaboração da reportagem. Também é possível identificar no jornalismo lento influências de gêneros como o novo jornalismo e o jornalismo *muckraking* (HERMANN, 2014; ROSIQUE-CEDILLO e BARRANQUERO-CARRETERO, 2015). A semelhança desse gênero com a etnografia, característica da Universidade de Chicago, é clara. Há, inclusive, casos de etnógrafos que fazem piada ao descreverem o próprio trabalho como “jornalismo lento” (PEDELTY, 2010: 25).

Também há o que se chama de jornalismo etnográfico. Érik Neveu afirma que esse jornalismo narra o cotidiano de “pessoas comuns”. Trata-se de “uma espécie de inversão das formas de cobertura comum da atualidade, passando do ponto de vista dos

que decidem para o dos efeitos de suas decisões” (NEVEU, 2006 [2001]: 171). Taís Seibt afirma que a reportagem *Filho da Rua*, publicada no diário brasileiro *Zero Hora* em 2012, possui elementos desse estilo. Para escrevê-la, a jornalista Letícia Duarte, mestre em ciências sociais, acompanhou por três anos a rotina de um menino de rua do sul do Brasil, em um trabalho de observação (nem sempre participante) semelhante ao de um etnógrafo, com o cruzamento dos relatos da rotina do garoto com estatísticas oficiais, por exemplo (SEIBT, 2013).

Janet Cramer e Michael McDevitt também utilizaram o termo jornalismo etnográfico, mas em um sentido mais amplo. Para os autores, esse gênero se caracteriza não apenas pelo uso de técnicas da etnografia e a tentativa de dar espaço a discursos normalmente excluídos da mídia tradicional. Também faz parte do jornalismo etnográfico uma relação de maior confiança entre jornalistas e fontes, com a possibilidade, inclusive, de que uma reportagem seja mostrada aos entrevistados antes da publicação (CRAMER e MCDEVITT, 2004). Já Anne Kirstine Hermann define jornalismo etnográfico como um gênero de jornalismo lento situado entre o jornalismo e a etnografia que “leva a lentidão ao extremo”. Para isso, adota estratégias de imersão das ciências sociais com o intuito de conhecer culturas e comunidades estranhas aos repórteres e seus leitores. Entre os exemplos desse tipo de jornalismo, Hermann cita reportagens de Leon Dash, que acompanhou por quatro anos a rotina de uma usuária de heroína de Washington, e de Ted Conover, que trabalhou por um ano em uma prisão para examinar a relação entre detentos e carcereiros (HERMANN, 2014; HERMANN, 2015).

Um dentre os vários aspectos relevantes para classificar um trabalho como jornalismo etnográfico passa pela avaliação da linguagem utilizada: quanto mais técnico for o vocabulário, menos jornalístico e mais etnográfico será um texto (Ibid). A preocupação com a clareza da linguagem, aliás, era quase uma obsessão de Everett C. Hughes, discípulo de Robert Park e mentor de Howard S. Becker que “considerava inteiramente desnecessário usar termos abstratos, vazios, quando havia palavras simples que diriam a mesma coisa” (BECKER, 2009 [1963]: 09). O estudo sobre os *hobos* que Nels Anderson fez, por exemplo, é uma obra de sociologia sem um único conceito de sociologia (ANDERSON, 1983: 404). Não à toa, Howard S. Becker, elaborou um manual sobre como escrever sociologia. O livro combina cartuns e piadas:

“Uma boa maneira de provar sua originalidade é vincular sua ideia a uma tradição na qual as pessoas já exploraram a literatura (...) Esse ritual de proteção cobre o traseiro do autor, mas não é tão bom para produzir conhecimento bom ou interessante” (BECKER, 2007 [1986]: 136-137).

No início dos anos 70, por exemplo, os desenhos do galês Ralph Steadman serviram para acrescentar certa psicodelia ao livro *Fear and Loathing in Las Vegas*, de Hunter S. Thompson. A obra, que apareceu primeiro nas páginas da revista *Rolling Stone*, narra uma viagem de Raoul Duke, alter-ego de Thompson, a Las Vegas para cobrir uma corrida de carros. Duke/Thompson pouco viu da disputa, mas voltou à redação com um clássico da contracultura que dava uma ideia do estilo de vida estadunidense nos tempos de Richard Nixon (THOMPSON, 2005 [1971]). O autor definia a obra como um exemplo de jornalismo gonzo, onde o jornalista não só participa dos eventos narrados, mas também provoca as pessoas sobre as quais escreve (FRANKLIN et al., 2012: 95; MCNAIR, 2010:129).

As influências do jornalismo gonzo, aliás, estão na chamada etnografia gonzo, termo que Enid Sefcovic usou nos anos 90 para designar uma etnografia preocupada em oferecer uma linguagem acessível não apenas a acadêmicos. Para Sefcovic, a etnografia gonzo é uma prática acadêmica que está em contato com a cultura popular. O objetivo é desenvolver um estilo de pesquisa mais acessível, que permita a difusão de ideias entre as pessoas que serão “transformadas” e “empoderadas” pela investigação (SEFCOVIC, 1995:28).

A preocupação com os leitores também está presente na etnografia pública, que Herbert J. Gans, ex-aluno da Universidade de Chicago, descreve como um estudo sociológico capaz de alcançar o “público leigo” e não apenas a academia. Para Gans, já há jornalistas que praticam esse tipo de etnografia, em publicações como a *The New Yorker*, nos Estados Unidos. O sociólogo acredita que os estudos adquirem maior relevância quando contribuem para a sociedade e não apenas para discussões acadêmicas (GANS, 2010).

### **Jornalismo contemporâneo e Chicago**

Um outro estilo de jornalismo que merece destaque nos dias atuais é o chamado novo novo jornalismo, inspirado no novo jornalismo, mas com menos narcisismo e

pirotecnia na linguagem (NEVEU, 2014: 08). Entre as características desse gênero, é possível enumerar a investigação baseada em um longo tempo de imersão, a combinação de descrições objetivas de cenas com a subjetividade ao relatar os sentimentos dos entrevistados, empatia com as fontes e o comprometimento com categorias muitas vezes esquecidas (NEVEU, 2014; LITS, 2012). Robert Boynton afirma que o novo novo jornalismo utiliza uma linguagem característica do novo jornalismo, com descrições e diálogos, mas tem uma preocupação social maior, como faziam os *muckrakers* (BOYNTON, 2005).

Entre os jornalistas desse gênero está o já mencionado Ted Conover, que por cerca de um ano conviveu com *hobos* dos Estados Unidos. No livro *Rolling Nowhere – Riding the Rails with America’s Hoboes*, ele utiliza um mapa para mostrar o percurso que fez pelo país durante a pesquisa. Conover viajou de forma clandestina em trens, dormiu em missões religiosas e presenciou algumas das atividades dos *hobos* nas sombras da noite (CONOVER, 2001 [1981]). Além da constante embriaguez dos moradores de rua, Conover viu, nas madrugadas de sua pesquisa, contratações pouco ortodoxas para trabalhos que quase ninguém deseja. “Os mexicanos, a maioria imigrantes ilegais, não poderiam [ser legalmente empregados], o que era a razão para a maior parte dessas negociações ocorrer sob o véu da noite” (CONOVER, 2001 [1981]: 260).

Já a revista francesa *XXI* é uma publicação que possui reportagens com características típicas dos estudos da Escola de Chicago. Um texto significativo é *Le Nazi de Damas (O Nazista de Damasco)*, de 2017. A reportagem fala sobre os últimos dias de Alois Brunner, que na 2ª Guerra enviou mais de 120 mil judeus para a morte no campo de Auschwitz, na Polônia, e, depois da morte de Hitler, colaborou com os governos de Hafez e Bashar el-Assad, na Síria (AOUIDJ e PALAIN, 2017).

Os jornalistas combinam os testemunhos não-oficiais com documentos públicos e registros históricos a fim de verificar as informações da reportagem. Quando uma das fontes fala que Brunner trabalhou para o regime sírio, os jornalistas cruzam o testemunho com uma troca de telegramas entre autoridades estadunidenses sobre o assunto:

“Telegramas diplomáticos tornados públicos pela CIA confirmam. Em 1984, o embaixador americano em Damasco, William Eagleton, escreve a George Shultz, seu ministro de assuntos estrangeiros, para informá-lo que

Brunner está na Síria e que ele treina a guerrilha curda contra a Turquia” (AOUIDJ e PALAIN, 2017: 149).

Eis aí mais uma semelhança com as técnicas de Chicago. Lícia do Prado Valladares conta que, para fazer uma pesquisa sobre etnias no Brasil, Donald Pierson, aluno de Park, utilizou todos os dados que tinha a seu dispor. Pierson seguiu os ensinamentos do mentor e procurou “tudo o que existia à época: bibliografia científica em português, francês, inglês, alemão, notícias em jornais, material existente nas repartições públicas (...) e em outros arquivos” (VALLADARES, 2010: 43). É verdade que esse conselho ao aluno remonta às estratégias de apuração de Park no período em que ele era jornalista. Portanto, os exemplos das reportagens de Conover e da revista *XXI* mostram uma preocupação com técnicas que a Escola de Chicago adotou inspirada por jornalistas, mas por ironia talvez estejam um pouco esquecidas nas redações dos dias de hoje.

### **Chicago, jornalistas brasileiros e a noite**

Elementos da Escola de Chicago podem ser observados no jornalismo brasileiro. Esse tipo de abordagem, aliás, também aparece em reportagens sobre personagens noturnas ou da boemia, mesmo que a noite e a boemia retratadas sejam um pouco mais sombrias ou subterrâneas.

Em 1908, antes mesmo da consagração de Park, o jornalista João do Rio, pseudônimo de João Paulo Alberto Coelho Barreto, publicava a *Alma Encantadora das Ruas*, um conjunto de textos sobre personagens cariocas. O livro começa com um texto intitulado *A Rua*, que poderia muito bem ter sido escrito por Robert Park. Nele, João do Rio exalta as ruas como se elas tivessem vida própria, cheia de personagens e (por que não?) “regiões morais”, principalmente à noite:

“Qual de vós já passou a noite em claro ouvindo o segredo de cada rua? Qual de vós já sentiu o mistério, o sono, o vício, as idéias de cada bairro? A alma da rua só é inteiramente sensível a horas tardias. Há trechos em que a gente passa como se fosse empurrada, perseguida, corrida (...) Outras que se envolvem no mistério logo que as sombras descem — o Largo de Paço (...) O largo, apesar das reformas, parece guardar a tradição de dormir cedo. À noite, nada o reanima, nada o levanta. Uma grande revolução morre no seu bojo como um suspiro; a luz leva a lutar com a treva (...) e as sombras que por ali deslizam são trapos da existência almejando o fim próximo, ladrões sem pousada, imigrantes esfaimados...” (RIO, 1995 [1908]: 09-10).



Nesse trecho, é possível perceber a curiosidade do jornalista pela descoberta de mistérios da noite carioca, em uma época em que o Rio de Janeiro experimentava grandes transformações, tal qual a Chicago de Park. As regiões e os tempos morais que João do Rio frequentava ofereciam personagens da boemia e da noite carioca. Uma das crônicas do jornalista, aliás, era sobre usuários de ópio, que se reuniam para consumir o narcótico depois do pôr-do-sol e cujos corpos com “pescoços viscosos de cadáver” moviam-se “como larvas de um pesadelo”, (RIO, 1995 [1908]: 61).

Embora as crônicas de João do Rio não sejam exatamente um estudo sociológico de convivência contínua com fontes, percebe-se no texto dele uma vontade de mostrar pessoas talvez “invisíveis”, gente ordinária, que talvez não ganhe tanta atenção da grande mídia.

Outro jornalista que merece destaque nessa busca por personagens típicas da cidade “invisível” é Audálio Dantas. Conhecido por “descobrir” a poetisa e escritora Carolina de Jesus enquanto acompanhava a rotina de uma favela paulistana, Dantas produziu, em 1963, uma reportagem que mostrava um lado mais sombrio do carnaval. Naquele ano, o jornalista presenciou uma disputa em que os concorrentes precisavam dançar conforme o ritmo da música durante 70 horas. Era, nas palavras de Dantas, uma “tragédia de carnaval”. Havia “gente de todos os tipos, de todas as origens. Brancos, negros, mestiços, amarelos – síntese brasileira sobre um tablado” (DANTAS, 2012 [1963]: 24).

As personagens encontradas por Dantas sofrem com as prolongadas horas de dança, além de enfrentarem problemas pessoais: “Cada um tem a sua história, o seu pequeno drama a contar. Um tem filho doente, outro está sem emprego, outro quer construir casa” (DANTAS, 2012 [1963]: 27). O jornalista foi capaz de contar histórias que só a presença dele no local e uma certa convivência com as personagens poderiam permitir:

“Na penúltima hora (20 horas de terça-feira de carnaval), cai (...) a que tem seis netos e não tem fogão para fazer comida para eles. Foi rápido. Ela estava dançando conforme a música, de repente parou, inclinou o corpo para a frente. Braços providenciais evitaram a queda” (DANTAS, 2012 [1963]: 30).

É possível afirmar que o repórter usou técnicas típicas da sociologia de Chicago para fazer uma reportagem acerca de um noturno baile de carnaval. Embora não tenha participado do concurso, Dantas ouviu conversas triviais entre os participantes da competição, bem como registrou momentos que ilustram o desespero de pessoas humildes a dançar dia e noite sem interrupção. Ali estava uma reportagem sobre um outro carnaval: as pobres almas que se arrastavam sob o teto do ginásio do Ibirapuera não viam a luz do sol, não faziam festa, apenas dançavam em busca de um prêmio para aliviar suas dores cotidianas.

A imersão na realidade de uma personagem noturna também caracteriza uma reportagem de Chico Felitti. Durante quatro meses em 2017, o jornalista acompanhou a rotina de Ricardo Corrêa da Silva, um artista de rua que entregava panfletos nas noites da cidade de São Paulo. Conhecido como “Fofão da Augusta” - em referência às bochechas infladas por cirurgias, que o fizeram se assemelhar à personagem de um programa infantil dos anos 80 e 90-, Ricardo era conhecido em São Paulo, uma “espécie de lenda urbana”, mas quase ninguém sabia a sua história (FELITTI, 2017).

Chico Felitti conversou com Ricardo em um hospital, na rua e na casa dele. Além disso, procurou registros em tribunais e entrevistou familiares do artista para revelar a história de um homem problemático, ridicularizado por causa de sua aparência. Na reportagem, Felitti narrou detalhes da vida de uma pessoa como muitas outras que perambulam anônimas pelas noites das grandes cidades.

“O mergulho de Ricardo das luzes dos salões de beleza para a rua é nebuloso. Sabe-se que por anos ele foi sócio num salão colado à estação de metrô Vila Mariana, onde hoje funciona uma lanchonete especializada em frango frito. Amigos contam que ele levou um calote da outra dona do lugar, e ficou sem ter onde morar.

É aí, no meio dos anos 1990, que Ricardo começa a pedir dinheiro na rua e nasce o apelido Fofão da Augusta. Trocou a escova dos salões de beleza pelos folhetos de teatro que distribui, e passou a fazer em si mesmo a maquiagem que fazia no rosto dos outros” (FELITTI, 2017).

Embora Ricardo fosse apenas uma pessoa, talvez seja possível dizer que ele representava milhares de outras. A reportagem de Felitti também não é um estudo sociológico propriamente dito, mas traz luz a uma pequena parte da rotina do habitante, talvez não de uma “região moral”, mas de uma região imoral da noite de São Paulo. Em entrevista por e-mail, Felitti afirma que, apesar de conhecer alguns trabalhos da Escola de Chicago, não refletiu sobre sua reportagem como uma espécie de etnografia:

“Tendo a achar que a narrativa se aproxima mais de um roteiro de documentário, por trabalhar com roteiros há alguns anos. Mas pode ser que tenha acontecido. A decisão de me colocar no texto, por exemplo, e aceitar que a minha presença ali estava alterando o rumo daquela história, é bem etnográfica, agora que parei para pensar. É admitir que o pesquisador já influencia o meio, que não existe retrato puro e fiel do outro” (FELITTI, 2019).

A reportagem sobre o chamado “Fofão da Augusta”, portanto, envolveu a participação do repórter no cotidiano da personagem, além da busca de documentos para informações adicionais, conforme uma etnografia. Para Felitti, esse tipo de trabalho, em que há uma convivência mais ou menos longa com a fonte, exige mais “tempo” e “recurso”, além de “uma honestidade com o leitor de admitir que você se aproximou da fonte”. O espaço disponível para a publicação da reportagem também é importante, pois quanto mais espaço houver, maior a possibilidade de se “mostrar as complexidades de uma pessoa” (Ibid).

## Conclusão

Este artigo procurou demonstrar algumas das características da chamada Escola de Sociologia de Chicago, bem como suas influências no jornalismo dos dias atuais. Como foi possível perceber, os integrantes dessa escola tinham como uma característica a busca por investigações sobre culturas e pessoas não tão convencionais. Os sujeitos pelos quais os sociólogos de Chicago se interessaram muitas vezes caminhavam pelas noites, longe de olhares censuradores. A Escola de Chicago frequentou mundos (ou “regiões morais”) que a academia não estava acostumada a frequentar. E conviveu nesses locais, às vezes por anos, para fazer trabalhos etnográficos.

O jornalismo, em muitos momentos, utilizou técnicas semelhantes. Embora não disponham de tempo como sociólogos, jornalistas também podem investigar personagens noturnas que às vezes são esquecidas pela grande mídia. Cabe aos jornalistas investigarem cotidianos das madrugadas, muitas vezes misteriosos somente por causa do receio dos profissionais. Para isso, os ensinamentos de Robert Park e da Escola de Chicago são preciosos.

Desde os tempos de Park, é verdade, muita coisa mudou. As comunicações evoluíram e, hoje, muitas “regiões morais” estão acessíveis pelo celular. No entanto,

como a própria reportagem de Chico Felitti sobre o “Fofão da Augusta” demonstra, a convivência direta do repórter com a fonte, embora muitas vezes complicada, pode enriquecer o trabalho jornalístico.

E, para encontrar temas e culturas que tenham valor noticioso, a noite talvez seja o melhor momento do dia. Nesse período saem às ruas pessoas que estão escondidas durante a manhã. Essas personagens talvez ofereçam ao jornalismo oportunidades de contar histórias sobre aquele ser humano “comum”, que Robert Park e seus discípulos sempre tentaram mostrar.

### **BIBLIOGRAFIA:**

**ANDERSON, Nels. 1923.** *The Hobo – The Sociology of the Homeless Man*. Chicago: The University of Chicago Press.

**ANDERSON, Nels. 1983.** A Stranger at the Gate: Reflections on the Chicago School of Sociology. Em: Atkinson, P. e Delamont, S. (eds.). *SAGE Qualitative Research Methods*. Thousand Oaks: Sage.

**AOUIDJ, Hedi e PALAIN, Mathieu. 2017.** Le Nazi de Damas – Enquête Sur Aloïs Brunner. Em: XXI, número 37, inverno de 2017, pp. 136-151. Paris: Rollin Publications.

**BEAUMONT, Matthew. 2015.** *Nightwaking: A Nocturnal History of London*. Nova Iorque: Verso Books.

**BECKER, Howard S. 1953.** Becoming a Marihuana User. Em: *The American Journal of Sociology*, Vol. 59, No. 3 (Nov., 1953), pp. 235-242. Disponível em: <http://www.sfu.ca/~palys/Becker-1953-BecomingAMarihuanaUser.pdf> [Acesso em: 05/02/2017].

**BECKER, Howard S. 1996 [1990].** Conferência A Escola de Chicago. Em: *MANA*, Vol. 02 (No 02), pp. 177-188 (1996). Disponível em: [http://nau.ufsc.br/files/2010/11/Escola-de-Chicago\\_Beker.pdf](http://nau.ufsc.br/files/2010/11/Escola-de-Chicago_Beker.pdf) [Acesso em: 05/02/2017].

**BECKER, Howard S. 2007 [1986].** *Writing for Social Scientists – How to Start and Finish your Thesis, Book or Article*. Chicago: The University of Chicago Press. Disponível em: [https://www.u-cursos.cl/derecho/2013/1/D125T07328/20/material\\_docente/bajar?id\\_material=717758](https://www.u-cursos.cl/derecho/2013/1/D125T07328/20/material_docente/bajar?id_material=717758) [Acesso em: 03/02/2017].

**BECKER, Howard S. 2009 [1963].** *Outsiders – Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.

**BOYNTON, Robert S. (2005).** *The New New Journalism: Conversations with America's Best Nonfiction Writers on Their Craft*. Nova Iorque: Vintage Books.

**BLY, Nellie. 2014 [1887].** *Around the World in Seventy-Two Days and Other Writings*. Nova Iorque: Penguin Books.

**BURD, Gene. 1983.** Journalistic Observation as a Qualitative Research Method for Sociology. *Texto apresentado no encontro anual da Southwestern Sociological Association (Houston, TX, March 16-19, 1983)*. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED233940.pdf> [Acesso em: 20/01/2017].

**CAMPBELL, Kathryn B. 2004.** Inventing Civic Mapping. Em: Iorio, Sharon Artin (ed.). 2004. *Qualitative Research in Journalism – Taking it to the Streets*. Mahwah, NJ : Lawrence Erlbaum Associates. Disponível em: <http://blog.bestamericanpoetry.com/files/ethnographicjournalist.pdf> [Acesso em: 20/01/2017].

**CONOVER, Ted (2001 [1984]).** *Rolling Nowhere – Riding the Rails with America's Hoboes*. Nova Iorque: Vintage Books.

**CRAMER, Janet e MCDEVITT, Michael. 2004.** Em: Iorio, Sharon Artin (ed.). 2004. *Qualitative Research in Journalism – Taking it to the Streets*. Mahwah, NJ : Lawrence Erlbaum Associates. Disponível em: <http://blog.bestamericanpoetry.com/files/ethnographicjournalist.pdf> [Acesso em: 20/01/2017].

**DANTAS, Audálio. 2012 [1963].** *Tempos de Reportagem*. São Paulo: Leya.

**FELITTI, Chico. 2017.** Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece. Em: *BuzzFeed Brasil* (27/10/2017). Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/felitti/fofao-da-augusta-quem-me-chama-assim-nao-me-conhece> [Acesso em: 06/06/2019].

**FELITTI, Chico. 2019.** *Entrevista por e-mail ao autor*. [Entrevista realizada em: 03/06/2019].

**FRANKLIN, Bob et al. 2012.** *Key Concepts in Journalism Studies*. Londres: Sage.

**FRIEDLAND, Lewis A. e CAMPBELL, Kathryn B. 2009.** Connected Research: The Chicago School Precedent. Em: Iorio, Sharon Artin (ed.). *Qualitative Research in Journalism – Taking it to the Streets*. Mahwah, NJ : Lawrence Erlbaum Associates. Disponível em: <http://blog.bestamericanpoetry.com/files/ethnographicjournalist.pdf> [Acesso em: 20/01/2017].

**GANS, Herbert J. 2010.** Public Ethnography. Em: *Qualitative Sociology*. Março de 2010, Vol. 33, No 1, pp. 97 – 104. Disponível em: <http://herbertgans.org/wp-content/uploads/2013/11/Public-Ethnography.pdf> [Acesso em: 20/01/2017].

**GOALBY CRESSEY, Paul. 2008 [1932].** *The Taxi-Dance Hall – A Sociological Study in Commercialized Recreation and City Life*. Chicago: The University of Chicago Press.

**HERMANN, Anne K. 2014.** Ethnographic Journalism. Em: *Journalism*. 2016. Vol. 17, No 2, pp. 260-278. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1464884914555964> [Acesso em: 20/01/2017].

**HERMANN, Anne K. 2015.** The Temporal Tipping Point – Regimentation, representation and reorientation in ethnographic journalism. Em: *Journalism Practice*. 2016. Vol, 10, No 04. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17512786.2015.1102605> [Acesso em: 05/02/2017].

**JAYNES, Gerald D. et al. 2009.** The Chicago School and the Roots of Urban Ethnography – An Intergenerational Conversation with Gerald D. Jaynes, David E. Apter, Herbert J. Gans, William Kornblum, Ruth Horowitz, James F. Short, Jr, Gerald D. Suttles and Robert E. Washington. Em: *Ethnography*, Vol. 10, (No 4), pp. 375-396. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/24048127?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/24048127?seq=1#page_scan_tab_contents) [Acesso em: 05/02/2017].

**LINDNER, Rolf 1996 [1990].** *The reportage of urban culture: Robert Park and the Chicago school*. Cambridge: Cambridge University Press.

**LITS, Marc. 2012.** As investigações sobre a narrativa mediática e o futuro da imprensa. Em: *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*. No 1, 2015. Disponível em: <https://triplovblog.files.wordpress.com/2016/01/mediapolis-1-1.pdf> [Acesso em: 20/01/2017].

**LUTTERS, Wayne G. e ACKERMAN, Mark S. 1996.** Em: *Interval Research Proprietary*, 1996. Disponível em: [http://userpages.umbc.edu/~lutters/pubs/1996\\_SWLNote96-1\\_Lutters,Ackerman.pdf](http://userpages.umbc.edu/~lutters/pubs/1996_SWLNote96-1_Lutters,Ackerman.pdf) [Acesso em: 20/01/2017].

**MACHADO, Elias. 2005.** O Pioneirismo de Robert Park na Pesquisa em Jornalismo. Em: *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Vol. 2, No 1. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2086> [Acesso em: 20/01/2017].

**MCNAIR, Brian. 2010.** *Journalists in Film: Heroes and Villains*. Edimburgo: Edinburgh University Press.

**MURPHY, Timothy Eugene. 2019.** *Queerly Cosmopolitan – Bohemia and Belonging in a Brazilian Middle-of-Nowhere City*. Worcester: Palgrave Macmillan.

**NEVEU, Érik. 2006 [2001].** *Sociologia do Jornalismo*. São Paulo: Edições Loyola.

**NEVEU, Érik. 2014.** Revisiting Narrative Journalism as One of the Futures of Journalism. Em: *Journalism Studies, Taylor & Francis (Routledge)*, 2014, Vol. 15, No 5, pp.533 – 542. Disponível em: <https://hal.inria.fr/hal-01077847/document> [Acesso em: 20/01/2017].

**PARK, Robert E. 1915.** The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment. Em: *American Journal of Sociology*, Vol. 20, No. 5 (Mar., 1915), pp. 577-612. Disponível em: [http://web.ics.purdue.edu/~hoganr/SOC%20531/Park\\_1915.pdf](http://web.ics.purdue.edu/~hoganr/SOC%20531/Park_1915.pdf) [Acesso em: 20/01/2017].

**PARK, Robert E. 2008 [1923].** A História Natural do Jornal. Em: Berger, C. e Marocco, B. (orgs.). *A Era Glacial do Jornalismo*. Porto Alegre: Sulina.

**PARK, Robert E. 2008 [1941].** Notícia e Poder da Imprensa. Em: Berger, C. e Marocco, B. (orgs.). *A Era Glacial do Jornalismo*. Porto Alegre: Sulina.

**PEDELTY, Mark. 2010.** Teaching Ethnographic Journalism: Critical Comparison, Productive Conundrums. Em: *Anthropology News*, Vol. 51, No 4. (abril de 2010) pp. 25-26. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1556-3502.2010.51425.x/abstract> [Acesso em: 20/01/2017].

**RIO, João do. 1995 [1908].** *A Encantadora Alma das Ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura.

**ROSIQUE-CEDILLO, Gloria e BARRANQUERO-CARRETERO, Alejandro. 2015.** Periodismo lento (slow journalism) en la era de la inmediatez. Experiencias en Iberoamérica. Em: *El Profesional de la Información*. Vol. 24, No 04. (julho/agosto – 2015). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/281953400\\_Periodismo\\_lento\\_slow\\_journalism\\_en\\_la\\_era\\_de\\_la\\_inmediatez\\_Experiencias\\_en\\_Iberoamerica](https://www.researchgate.net/publication/281953400_Periodismo_lento_slow_journalism_en_la_era_de_la_inmediatez_Experiencias_en_Iberoamerica) [Acesso em: 20/01/2017].

**SEFCOVIC, Enid M.I. 1995.** Towards a Conception of “Gonzo” Ethnography. Em: *Journal of Communication Inquiry*. Vol. 19, No. 1, 1995. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/019685999501900102> [Acesso em: 20/01/2017].

**SEIBT, Taís. 2013.** Filhos da Rua: jornalismo etnográfico ou reportagem de ideias? Em: *Verso e Reverso*, Vol. XXVII (No 65), pp. 102-107, maio-agosto de 2013. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:4IhOOxELbFkJ:revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/download/ver.2013.27.65.05/2332+&cd=3&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt> [Acesso em: 01/02/2017].

**SHILS, Eduard. 1996.** The Sociology of Robert E. Park. Em: *The American Sociologist*, Vol. 27, No 4 (inverno de 1996), pp. 88-106. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/27698804?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/27698804?seq=1#page_scan_tab_contents) [Acesso em: 05/02/2017].

**SIMMEL, Georg. 2005 [1903].** As Grandes Cidades e a Vida do Espírito. Em: *MANA*, Vol. 11 (No2), pp. 577-591, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf> [Acesso em: 01/02/2017].

**SPENCER, Jonathan. 2001.** Ethnography after Postmodernism. Em: Atkinson, P. et. al. (eds.). *Handbook of Ethnography*. Londres: Sage.

**SUBTIL, Filipa e GARCIA, José Luís. 2010.** Communication: an inheritance of the Chicago School of Social Thought. Em: Hart, Christopher (ed.), *The Legacy of Chicago School of Sociology* (pp. 216-243). Manchester: Midrash Publishing. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/11380> [Acesso em: 01/02/2017].

**THOMAS, Jim. 1983.** Toward a Critical Ethnography: A Re-examination of the Chicago Legacy. Em: *Urban Life*, Vol. 11 (No 04), janeiro de 1983, pp. 477-490. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0098303983011004007> [Acesso em 31/01/2017].

**THOMPSON, Hunter S. 1999 [1966].** *Hell's Angels*. Londres: Penguin Books.

**THOMPSON, Hunter S. 2005 [1971].** *Fear and Loathing in Las Vegas*. Londres: Harper Perennial.

**TRAVANCAS, Isabel. 2002.** Jornalistas e Antropólogos – Semelhanças e Distinções da Prática Profissional. *Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação*, Salvador / BA, 03 de setembro de 2002. Disponível em: [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002\\_anais/2002\\_COMUNICACOES\\_TRAVANCAS.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_COMUNICACOES_TRAVANCAS.pdf) [Acesso em: 27/01/2017].

**VALLADARES, Lícia do Prado. 2010.** A Visita do Robert Park ao Brasil, o “Homem Marginal” e a Bahia como Laboratório. Em: *Caderno CRH*, Salvador, Vol. 23 (No 58), pp. 35-49 (jan/abril – 2010). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v23n58/v23n58a03.pdf> [Acesso em: 06/06/2019].

**WOOLF, Virginia. 2009 [1930].** *The Death of the Moth and other essays*. Adelaide: eBooks Adelaide.